

# GABRIEL WICKBOLD

METAMORFOSE AMBULANTE, O FOTÓGRAFO SE ADAPTOU AOS TEMPOS DE PANDEMIA COMO NINGUÉM E PROVA QUE SE FEZ ARTISTA POR CONTA PRÓPRIA

TEXTO MARCELLO DANTAS | FOTO GABRIEL WICKBOLD

# A

imagem de que o artista é uma alma solitária em um ateliê caótico parece estar expirando. Existe um novo tipo de personalidade surgindo no mundo: o artista que toma iniciativa, que produz, promove, vai atrás, se relaciona com os outros, investe e busca ser reconhecido por seus múltiplos talentos e não apenas recompensado pelo seu sofrimento. Conheci Gabriel Wickbold neste ano. Nunca tinha tido muito contato com ele. Às vezes sentia que ele talvez fosse um outsider, mas não tinha ideia de sua personalidade.

Ao conhecê-lo mais de perto, me impressionei. Um cara que estava pesquisando as linguagens híbridas, juntando vídeo, fotografia, pintura e música – que ele também tocava e cantava. Decorava ambientes com uma linguagem que era nitidamente dele. Mas não parou por aí. Herdeiro de uma empresa de pães, não usou desse artifício para fazer sua carreira. Seu pai morreu quando ele ainda era bem jovem e a empresa na época não ia bem. Ele teve que achar seu caminho com sua arte e sua própria capacidade de empreender. As coisas não haviam sido fáceis na sua estrada, por isso teve que inventar o próprio caminho. O trabalho que ele fazia agradava ao público e este não estava claramente sendo acessado pelas galerias de arte de São Paulo, mas se mostrava substancial. Eis que Gabriel decide criar a própria galeria que, além do estúdio,

tinha também o próprio laboratório de ampliação, molduras e acabamento. O rapaz decidiu verticalizar sua produção e sua distribuição e abrir espaço para outros artistas se utilizarem de sua estrutura. Ato raríssimo no mundo da arte mundial e quase inexistente no Brasil.

Mas não para por aí: Gabriel é empreendedor nato, um tipo de personagem do século 21 que confunde as mentes mais conservadoras. Desenvolveu restaurantes, banda musical e ainda participa de outros negócios. Sozinho, ele passou a se relacionar com dezenas de milhares de seguidores. Essa atitude desinibida e arriscada vai contra o perfil de artista ao qual a sociedade está acostumada. Mas sua capacidade de gestão o levou a fazer uma grande mostra no Museu de Arte Brasileira da FAAB, iguaria reservada para artistas em retrospectiva de vida, raríssima para um rapaz de trinta e poucos anos.

Mas a vida se apresentou como ela é e, uma semana depois de abrir a mostra, o mundo foi fechado pela pandemia. Ele não se fez de rogado e, inquieto e incansável que é, começou a se trancar no estúdio para experimentar uma imagem do isolamento. Em um momento da vida carente de imagens, surgiu a série SóMoS: retratos em preto e branco de pessoas próximas compostos digitalmente como partes de uma nova corporiedade e depois pintados fortemente de forma gestual por ele. Uma série que parece ter nascido de outra, Sans Tache, em que deixa as imagens serem consumidas por grilos, como os grileiros de terras da Amazônia faziam com as escrituras das terras falsificadas. São conceitos sofisticados que o mundo da arte não atentou ainda. Sua pesquisa vai além da superfície, ou da SurFace, título da mostra da FAAB.

O fotógrafo nasceu de uma certa frustração com o negócio da música e de uma viagem que

fez pelo Brasil profundo em busca de conexão com as raízes da família materna, que vinha do Amazonas e de Sergipe. Nessa viagem pelo Brasil entendeu a sua forte relação com o retrato e com o olhar da figura humana. Ao mesmo tempo que cozinhou esses ingredientes dentro de uma receita alemã, o lado pragmático paterno e sua própria metodologia virginiana. Essa mistura meio irreverente e desinibida que carrega pelo mundo, dos Emirados Arabes Unidos à Rússia, passando pelos Estados Unidos e Brasil, mostra uma pessoa em franca curiosidade com o potencial do que se pode realizar com a vida. O frescor de uma certa ingenuidade de quem não sabia que tudo o que ele propunha era impossível e por isso mesmo foi lá e fez.

Seu jeito intuitivo e inexperiente o fez ser pai precocemente, aos 22 anos, de Glória, hoje com 12, e Branca, com 6. Quando teve a primeira filha, o seu então sogro ensinou a ele um provérbio judaico: “Uma filha sempre vem com um pão debaixo do braço”. As meninas foram motor para sua ascensão profissional.

Pude presenciar sua dinâmica paradoxal. De repente, ele interrompe uma reunião e precisa ir para uma apresentação de sua banda num palco gigante para muita gente. Ou mesmo a tranquilidade com que me serve um filé mignon em sua casa para que dias depois eu descubra que ele é vegano. Ou quando de repente solta uma do tipo: “Eu nem tenho carro, quase só ando de bicicleta, mas a BMW me emprestou esse aqui”.

Tudo fica ainda mais interessante quando ele revela sua pesquisa em si próprio sobre as portas da percepção da mente humana com a mesma curiosidade de quem escolhe uma lente nova para sua câmera. Suas lentes estão mudando e as antenas estão abertas para ser mais uma metamorfose ambulante.